

HISTÓRIA LOCAL NAS SÉRIES INICIAIS DO MUNICÍPIO DE IRATI – PARANÁ

LOCAL HISTORY IN THE INITIAL SERIES OF THE MUNICIPALITY OF IRATI – PARANÁ

Geyso Dongley Germinari¹
Franciele Czelusniak Costa Chepluki²

Resumo

A História Local tem sua importância em valorizar memórias coletivas e resgatar histórias que são esquecidas em detrimento de uma história oficial. Por muito tempo, as histórias aprendidas e perpetuadas eram somente dos dirigentes municipais, dos heróis; ou seja, os sujeitos comuns permaneceram silenciados. Com isso em mente, justifica-se o presente trabalho, fruto de um projeto de doutoramento em Educação, que está em sua fase inicial. Partindo de conceitos e problemáticas que dizem respeito à História Local, pretende-se compreender quais são as perspectivas de história local presentes nos anos iniciais do ensino fundamental do município de Irati, Paraná. Neste trabalho, apresentaremos os pressupostos teóricos, visto que a pesquisa empírica ainda não foi iniciada. Para tanto, os autores que servirão de aporte teórico em História Local são: Pierre Goubert (1988), Raphael Samuel (1990) e José D' Assunção Barros (2005, 2010, 2022). Para tratar sobre o Ensino de História nos anos iniciais, apoiaremos em: Guimarães (2012), Bittencourt (2018), Luporini e Urban (2015), Cooper (2006, 2012) e Schmidt e Cainelli (2004). Acreditamos que essa proposta de estudo se torna importante na medida em que será útil para futuras pesquisas que busquem compreender onde a História Local se situa no ensino de história no município de Irati e como os docentes ensinam e compreendem essa proposta de ensino.

Palavras-chave: História Local. Anos iniciais. História.

Abstract

Local History is important in valuing collective memories and rescuing stories that are forgotten to the detriment of official history. For a long time, the stories learned and perpetuated were only those of municipal leaders, of heroes; that is, ordinary subjects remained silenced. With this in mind, the present work is justified, the result of a doctoral project in Education, which is in its initial phase. Starting from concepts and issues that relate to Local History, the aim is to understand the perspectives of local history present in the early years of elementary school in the municipality of Irati, Paraná. In this work, we will present the theoretical assumptions, since empirical research has not yet begun. To this end, the authors who will serve as theoretical support in Local History are: Pierre

¹ Docente do PPGED da Universidade do Centro Oeste do Paraná/ Campus Irati - (Unicentro). Doutor pelo Programa em Educação da Universidade Federal do Paraná. E-mail- geysog@gmail.com e Orcid- <https://orcid.org/0000-0002-4797-7113>

² Mestra e doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail- franciellichepluki@gmail.com e Orcid- 0000-0002-5350-4291

Goubert (1988), Raphael Samuel (1990) and José D´Assunção Barros (2010, 2022). To discuss History Teaching in the initial years, we will rely on: Guimarães (2017), Bittencourt (2018), Luporini and Urban (2015), Cooper (2006, 2012) and Schmidt and Cainelli (2004). We believe that this study proposal becomes important as it will be useful for future research that seeks to understand where Local History is located in history teaching in the city of Irati an how teachers teach and understand this teaching proposal.

Keywords: Local History. Early years. History.

Introdução

Este artigo apresenta a proposta de pesquisa de doutoramento em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste, voltada à História Local nos anos iniciais de escolarização. De modo que a pesquisa está em sua fase inicial trataremos da sua problematização e pressupostos teóricos sem adentrarmos em sua fase empírica.

Como tema, trabalharemos com a História local nas séries iniciais do ensino fundamental para solucionar a seguinte pergunta: Quais as perspectivas de história local presentes nas séries iniciais do ensino fundamental do município de Irati-Paraná? Outros questionamentos que também iremos abordar em segundo plano incluem: Investigar as ideias de história local presentes na historiografia sobre o município de Irati, a partir do acervo de livros das bibliotecas escolares da rede municipal de educação e Irati, PR; analisar a presença da história local na cultura escolar de escolas da rede municipal de educação de Irati, PR; mapear as práticas de ensino de história local de professores das séries iniciais do ensino fundamental de Irati, PR.

Para isso, realizaremos uma pesquisa de cunho qualitativo utilizando a técnica de análise de conteúdo de Bardin, bem como a análise documental. Como técnicas de coleta de dados, serão utilizados os documentos de acervo das bibliotecas, questionário e entrevistas com docentes do 3º ano dos anos iniciais, que serão os sujeitos participantes desta pesquisa.

A justificativa para a escolha desta série e etapa escolar pauta-se no fato de que, de acordo com o currículo municipal utilizado (Currículo da Rede Estadual Paranaense – CREP) prioriza-se a abordagem da História Local como conteúdo curricular da disciplina de História. Neste documento, que complementa o Referencial Curricular do Paraná traz conteúdos considerados essenciais para cada componente curricular em cada ano da etapa do Ensino Fundamental sugerindo a distribuição dos conteúdos nos trimestres ao longo do ano.

O documento está estruturado por Unidade Temática, Objeto de conhecimento, Objetivos de aprendizagem e os Conteúdos que nesta série incluem: * formação histórica e populacional da cidade, * acontecimentos e marcadores temporais no estudo da cidade, * narrativas históricas sobre a cidade, * memória e patrimônio histórico e cultural da cidade, * população e diversidade cultural local, * modo de vida no campo e na cidade em diferentes temporalidades, * memórias e narrativas de pessoas do campo e da cidade, * a cidade: espaços públicos e privados, e por fim, *a cidade e suas atividades: trabalho, cultura e lazer. Deste modo, percebe-se que a história local ou o entorno do estudante é perceptivelmente priorizado como metodologia de ensino para esta série escolar.

A pesquisa ainda terá como referência teórico-metodológica a perspectiva do estruturismo metodológico, que trata-se de uma abordagem teórica desenvolvida por *Christopher Lloyd* em 1995. Ele sugere que tanto as pessoas quanto as estruturas sociais, culturais ou econômicas têm um impacto semelhante e estão interligadas. Isso significa que, ao estudar a história, devemos considerar tanto os indivíduos quanto as grandes estruturas sem dar mais importância a um do que ao outro. Lloyd considera a sociedade de tal forma que se mostra como "uma estrutura real de regras, papéis, relações e significados que deve ser produzida e transformada por indivíduos, ao mesmo tempo em que condiciona de modo causal as ações, crenças e intenções individuais." (Lloyd, 1999, p. 65).

O estruturismo metodológico tenta articular os níveis micro e macro da análise social, sem subordiná-los mutuamente, explicando como a personalidade, as intenções e as ações humanas interagem com a cultura e a estrutura para determinar um ao outro e as transformações sociais ao longo do tempo. Para isso, é indispensável que haja um modelo dos seres humanos como agentes sociais [...] Tentam estabelecer metodologias que articulem ação e análise estrutural e que expliquem a história estrutural social. Todos reconhecem a capital importância dos processos históricos particulares de reprodução e transformação social ativa. (Lloyd, 1995, p. 220-221).

A partir destes pressupostos teórico metodológicos, apresentaremos neste trabalho, inicialmente o percurso metodológico que pretende-se seguir, posteriormente os pressupostos da História Local com a apresentação dos conceitos utilizados, trataremos também do desenvolvimento do ensino de história local nos anos iniciais do ensino fundamental e por fim uma

brave conceitualização historiográfica da história local do município de Irati-Paraná, o local selecionado da pesquisa.

Percurso Metodológico

Não se pode dizer que a pesquisa nas ciências humanas, como aliás, a pesquisa em geral, seja muito complicada. De fato, o pesquisador é alguém que percebendo um problema em seu *meio*, pensa que a situação poderia ser melhor compreendida ou resolvida, caso fossem encontradas explicações ou soluções para a mesma. Pensando dessa forma, já dispõe, em geral, de uma pequena ideia a respeito das explicações ou soluções plausíveis: algumas *hipóteses*. Mas resta confirmar se essas hipóteses são válidas, *verificá-las* na realidade, tirar as conclusões apropriadas de suas observações. A grosso modo, a pesquisa nas ciências humanas, como, aliás a pesquisa em geral, é isto: perceber um problema teórico ou prático a ser resolvido, formular uma hipótese, testá-la e tirar conclusões (Laville, Dionne, 1999, p.11).

Para Laville e Dionne (1999) a pesquisa em ciências humanas perpassa por vários caminhos e percursos até chegar à conclusão alguns caminhos, percursos para que o fim seja a conclusão ou resposta do problema delimitado no início. Neste subtópico, explicitamos o caminho que a pesquisa irá percorrer para responder a problemática inicial.

A nossa proposta é responder à seguinte problemática: Quais as perspectivas de história local presentes nas séries iniciais do ensino fundamental do município de Irati-Paraná? A princípio, a pesquisa será realizada em quatro escolas públicas do referido município, com turmas do 3º ano das séries iniciais. A justificativa para a escolha dessa série, como mencionado anteriormente, é que na cidade de Irati o currículo seguido é o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP), e no terceiro ano os conteúdos anuais a serem trabalhados na disciplina de História envolvem a cidade e o município local.

Seguindo o percurso metodológico, como início da pesquisa, realizaremos uma coleta de dados em uma pesquisa ampla, onde selecionaremos, nos acervos das bibliotecas escolares das escolas pesquisadas, todos os materiais encontrados sobre o município que são de uso pedagógico dos profissionais, como livros didáticos, currículos, livros de pesquisa próprios de professores, materiais didáticos produzidos pelo município, etc. O material selecionado será utilizado para categorização

a partir da técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977, p. 33) onde se trata de “um conjunto de técnicas de análise das comunicações [...] marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”. Especificamente trata-se de uma técnica de pesquisa qualitativa usada para analisar sistematicamente dados textuais, como entrevistas, questionários, livros, artigos, entre outros com o objetivo de identificar padrões, temas e significados dentro dos dados, permitindo uma compreensão mais profunda dos fenômenos estudados.

Ainda na coleta de dados, será realizado um questionário, às docentes dos 3 anos iniciais do ensino fundamental, de caráter exploratório, que será aplicado a um número significativo de docentes. Posteriormente selecionaremos um número menor desses mesmos para realizarmos entrevistas que terá um objetivo de mapear as práticas de ensino de história local das professoras desta etapa escolar.

Como aporte teórico nos embasaremos para o estudo em História Local Pierre Goubert (1988), Raphael Samuel (1990) e José D' Assunção Barros (2005, 2010, 2022). Para tratar sobre Ensino de História nos anos iniciais apoiaremos em: Guimarães (2017), Bittencourt (2018), Luporini e Urban (2015), Cooper (2006, 2012) e Schmidt e Cainelli (2004).

Acreditamos que essa proposta de estudo se torna importante na medida em que será útil para futuras pesquisas que busquem compreender onde a História Local se situa no ensino de história no município de Irati e como os docentes ensinam e compreendem essa proposta de ensino.

Pressupostos da História Local

A que se refere a História Local? É uma limitação geográfica, regional, uma localidade? Ou uma abordagem metodológica? Aqui, consideraremos a História Local a partir da percepção de Goubert (1988), que a trata como uma metodologia de investigação e a denomina como algo que diz respeito a uma pequena região ou localidade. Já no primeiro parágrafo de seu artigo, ele a denomina como:

Denominaremos história local aquela que diga respeito a uma ou poucas aldeias, a uma cidade pequena ou média (um grande porto ou uma capital estão além do âmbito local), ou a uma área geográfica que não seja maior do que a unidade provincial comum [...]. A partir, porém, da

metade desse século, a história local ressurgiu e adquiriu novo significado; na verdade, alguns chegam a afirmar que somente a história local pode ser autêntica e fundamentada (Goubert, 1988, p. 70).

Pierre Goubert foi um historiador francês, especialista nos séculos XVII e XVIII. Ele foi um dos fundadores da Escola dos Annales e é considerado um dos pioneiros na demografia histórica e na história rural moderna. Sua conceituação sobre História Local é considerada pioneira, acabando por delimitar o que se entende pelo termo e sendo recorrentemente utilizada para o entendimento do que se considera História Local (Sukow, 2023).

Ele também traça um panorama histórico da história local e disserta que um novo interesse pela história social fez com que os historiadores voltassem seu olhar para pesquisas sobre novos grupos sociais, diminuindo o foco histórico nas elites.

Naturalmente, essa visão de localidade como algo estritamente político-geográfico, de acordo com a citação acima, foi criticada por ser politicamente determinada e não necessariamente coincidir com as percepções socioculturais das pessoas que vivem naquele espaço, principalmente em espaços não fixos ou que foram colonizados (Barros, 2005).

Atrelar o espaço ou o território historiográfico que o historiador constitui a uma pré-estabelecida região administrativa, geográfica (no sentido proposto por La Blanche), ou de qualquer outro tipo, implicava em deixar escapar uma série de objetos historiográficos que não se ajustam a estes limites. A mesma comodidade arquivística que pode favorecer ou viabilizar um trabalho mais artesanal do historiador – capacitando-o para dar conta sozinho de seu objeto sem abandonar o seu pequeno recinto documental – também pode limitar e empobrecer as escolhas historiográficas (Barros, 2005, p. 110).

Um pesquisador que se afasta um pouco da ideia de História Local como um espaço geográfico, e se direciona para uma compreensão mais social da História Local, enfatizando as pessoas simples e comuns, bem como a pesquisa sobre o cotidiano, afirmando que a história local possui uma força popular, é Raphael Samuel (1990), que cita que...

A História local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional

e dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos. As categorias abstratas de classe social, ao invés de serem pressupostas, têm de ser traduzidas em diferenças ocupacionais e trajetórias de vidas individuais [...]. (Samuel, 1990, p. 220).

Samuel foi um importante historiador de vertente marxista e ligado à Nova Esquerda Inglesa, defensor da *história vista de baixo*, onde enfatizava a importância de estudar as experiências das classes trabalhadoras e grupos marginalizados. Em seu célebre texto “História Local e História Oral” ele argumenta que a história local deve focar nas pessoas comuns e no cotidiano, destacando a força popular dessa abordagem como aponta a citação

A História local tem também a força popular, tanto como uma atividade quanto como uma forma literária. Os jornais municipais do século XIX dedicavam até meia página semanalmente para as notas de antiquário (a forma em série na qual muitas Histórias locais daquele tempo apareceram) [...] As pessoas estão continuamente colocando para si mesmas questões relacionadas ao local onde moram e sobre como viveram seus antepassados [...] Frequentemente, o historiador local estará utilizando a reflexão acumulada sobre sua experiência de vida e não é acidental que tantas Histórias de vilas e paróquias tenham sido escritas por homens e mulheres ativamente engajados em eventos locais [...] (Samuel, 1990, p.221).

Outro autor que iremos nos balizar é José D’Assunção Barros (2005, 2010, 2022) é um historiador brasileiro que se dedicou, além de outros temas, ao estudo da história local e regional. Discute a importância de compreender o conceito de “lugar” na geografia e como isso se relaciona com a historiografia. Barros enfatiza que a história local deve ir além da mera ideia de localidade, abordando as implicações sociais e culturais desse espaço. Também vai destacar a necessidade de uma abordagem interdisciplinar, dialogando com a geografia, sociologia, antropologia e outras áreas bem como argumenta que as histórias locais e regionais são essenciais para observar a atuação de diversos sujeitos, muitas vezes anônimos, no contexto histórico.

Para ele a História local não é determinada somente pela concepção espacial e a pesquisa no local implica contextualizar e considerar também os pressupostos culturais e políticas daquele “local”:

Uma história, entre outros adjetivos, será uma história local no momento em que o “local” torna-se central para a análise, não no sentido de que toda história deve fazer uma análise do local e tempo que contextualiza seus objetos (o que é pressuposto de toda História), mas no sentido de que o ‘local’ implica aqui uma referência a uma cultura ou política local, a uma singularidade regional, a uma prática que só se encontra aqui ou que aqui adquire conotações especiais a serem examinadas em primeiro plano (Barros, 2022, p. 26).

Assim como a História teve um novo desdobramento, interessando-se sobremaneira pela abordagem social e reconstruindo a vida e a “história” dos sujeitos de dada localidade, a História Local no ensino também refletiu essas mudanças. Em alguns pontos, ela é considerada “salvadora do ensino de história” (Sukow, 2023, p. 30), como veremos no próximo tópico.

Ensino de História Local

A disciplina de História no Brasil, desde seu início, foi marcada pela propagação de ideias estereotipadas, como mitos políticos, ideais conservadores e a história das grandes civilizações, que era de interesse da elite brasileira da época difundir no currículo e, conseqüentemente, na população. A história oficial que se transmitia era a história europeia e branca, e no ensino não se fazia presente a diversidade étnica e cultural brasileira ou latino-americana.

Ainda na história da disciplina, houve a junção das disciplinas de História e Geografia em Estudos Sociais, nos anos de 1970, tornando-se uma disciplina voltada à propagação da moral, patriotismo e civismo, já que o país estava envolto nas garras da ditadura militar.

Com o processo de redemocratização, a partir da década de 1980, mudanças ocorreram gradualmente em todas as esferas nacionais e também na educação. Primeiro, foi proposto no currículo o ensino dos então chamados “círculos concêntricos”, onde o ensino era trabalhado de forma progressiva e espacial, a partir do mais próximo ao mais distante, assim iniciando a ideia de “local” no ensino de História. (Bittencourt, 2018).

Já na década de 1990, o Governo Federal reconfigurou os currículos estaduais e nacionais, apresentando os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental (em 1997 e 1998). Na disciplina de História, surge a perspectiva do ensino da história local e do cotidiano como conteúdo a serem trabalhados no ensino fundamental, reconfigurando esse ensino, onde poderia ser recuperada a história dos sujeitos comuns, dos pequenos municípios e do cotidiano.

As possibilidades do trabalho com a história local e sua relação com a aprendizagem histórica são várias. Há trabalhos que evidenciam a relevância da configuração identitária e da memória do educando (Bittencourt, 2018; Guimarães, 2012), garantindo o domínio do conhecimento histórico e de uma história plural (Germinari, 2021; Schmidt, Cainelli, 2004).

Todavia, alguns autores, como Schmidt e Cainelli (2004), alertam sobre a necessidade de tomar cuidado com os excessos. Ao se focar apenas no local, no tradicional, sem ampliar ao recorte nacional, global e sua diversidade, corre-se o risco de alimentar a intolerância com o diferente e com o outro.

A História Local em Irati

A história local desempenha um papel fundamental na consolidação da memória coletiva. Ao recuperar e documentar as experiências e os feitos das gerações passadas, garantimos que essas memórias não sejam esquecidas. Isso cria uma continuidade temporal que enriquece a identidade coletiva da comunidade. Neste sentido que apresentaremos uma breve revisão historiográfica sobre o município de Irati, Paraná para compreender a interpretação tradicional dessa história perpassada aos sujeitos locais.

José Maria Orreda foi um historiador amador iratiense, ou pode-se chamar também de memorialista local. Ele possui uma ampla obra sobre o município de Irati, e suas obras são utilizadas como material didático nas escolas municipais e estaduais no ensino de história local. Em suas obras, ele aborda tanto aspectos memorialísticos do local quanto geográficos, porém sem usar nenhum aspecto científico para sua chamada “pesquisa” (Vitoriano, 2022).

Vitoriano (2022) que em sua dissertação trabalha sobre a história indígena de Irati, crítica o referido memorialista ao citar que em sua obra contempla mais os fundadores locais, a elite, o progresso deixando pouco espaço para os povos originários, além de deixar exposto como

Orreda é considerado um personagem, considerado um intelectual importante na história e para os cidadãos iratienses.

O memorialista Orreda (1972) valoriza muito em sua obra a história local iratiense, e por ser pioneiro da elite intelectual e política local, tornou-se uma referência para a região. Porém, se tratando de história indígena, em sua primeira obra foi insuficiente, pois buscou enaltecer o local, o progresso e abriu pouco espaço para os povos originários, que apesar de 3 Irati, segundo Orreda (1972), chamava-se Covalzinho, porque os poucos habitantes dessa região plantavam couves para complementar a sua alimentação, e como essas paragens faziam parte da rota dos tropeiros, eles acabaram nomeando de Covalzinho, devido à abundância desta hortaliça nas casas dos moradores locais. 25 também integram a história local, nas obras do autor são considerados símbolos do atraso, visão recorrente entre muitos escritores deste período de 1970 a 2000. Ao seguir o exemplo dos autores da elite clássicos da historiografia brasileira, acima citados, em sua última obra afirma que os povos originários foram assimilados pela miscigenação [...] (Vitoriano, 2022 p. 24-25).

Segundo Vitoriano, o autor vai propagar uma história de que quando os colonizadores, Pacíficos de Souza Borges e Cipriano Francisco Ferraz, vindos de um município vizinho chamado Teixeira Soares, foram tratados como grandes desbravadores, descobridores nomeando todas as localidades (as quais permanecem até hoje) por quais passavam como se já não houvessem moradores locais, os povos originários.

Abandonaram o rio e entrando pelo mato, vieram sair num lugar onde acharam uma avelheira num pau, com três bocas ou portas, uma na madeira, duas no chão. Batizaram o lugar com o nome das abelhas: IRATI. Encontravam-se no local hoje denominado IRATI-VELHO. Tudo era sertão. Não havia ninguém. Comiam carne de tateto e porco do mato. Derrubaram uma árvore e fizeram uma gamelinha para salgar o alimento. Desceram um pouco e encontraram uma lagoa, crismando de LAGOA o lugar. Entraram pelo sertão e acharam um arroio, que chamaram CAMACUÃ. Havia muito papuanzal. Cipriano quiz dizer papuã, enrolou a língua e disse Camacuã. No Camacuã mataram um tigre. Prosseguindo, encontraram um campo muito largo e bonito, onde havia um rio. Denominaram de RIO BONITO. Havia muita anta como gado pastando. E o rio foi chamado RIO DAS ANTAS. Desceram pela margem do rio, na encosta da serra, indo

encontrar de volta o Imbituva grande, retornando para casa. Na aventura levaram quinze dias. (ORREDA, 1972, p. 18-19).

Ele enfatizou a vinda dos imigrantes europeus ao município, a colonização e a urgência de expulsar os nativos com o objetivo de desmatar a terra para cultivar lavouras, sendo que atualmente essa é a principal atividade econômica do município.

Como cita Vitoriano (2022), Orreda foi um jornalista e memorialista local, não um historiador com embasamento científico para pesquisar os fatos. Por isso, é importante ensinar aos jovens estudantes a questionar os fatos apresentados.

Os historiadores são os responsáveis pela história; os memorialistas, como o próprio nome diz, pela memória. É importante mostrar aos alunos que essas memórias precisam ser questionadas, e outras, que não são interessantes para as elites que venham à tona, devem ser recuperadas, como as memórias sobre a expulsão dos indígenas; apesar de difícil, é uma tarefa necessária. (Vitoriano, 2022, p.31).

A história que é trabalhada nas escolas perante materiais didáticos produzidos pela prefeitura e os livros do próprio memorialista e alguns outros seria assim descrita; que as terras de Irati eram pertencentes aos índios Caigangues, em um passado distante, onde já foram encontrados inúmeros vestígios de materiais e artefatos pertencentes a estes. Já a denominação do município ocorre em 1829 pelos já citados, desbravadores Pacífico de Souza Borges e Cipriano Francisco Ferraz, quando vieram de outro município para desbravar o sertão e batizar as terras e os rios. Foram seguindo de canoa pelo por um rio até que resolveram abandonar o barco e entrar mata adentro onde encontraram uma abelheira com três bocas, deste modo batizando o lugar de Irati (em linguagem indígena Rio de Mel). “Era tudo sertão e não havia nenhum morador. Caçaram porco-do-mato (cateto) para comer, derrubaram uma árvore e fizeram uma gamela para salgar a carne por dentro”.

A história continua com os dois desbravadores passando por vários bairros e localidades, nomeando-os e tornando-se os primeiros a “pisar” em terras iratienses. Procuramos trazer esse capítulo para o artigo com o objetivo de que o leitor compreenda a importância da história local, onde cidadãos comuns possam ter voz e constar nos registros oficiais historiográficos. Não se trata de desmerecer o trabalho de memorialistas locais, mas de finalmente dar espaço aos “excluídos” da história.

Considerações Finais

A História Local é uma área da historiografia que se dedica ao estudo de pequenos locais e seus arredores, visando a compreensão de uma comunidade específica. Por esse motivo, pode-se dizer que ela é uma área interessante e fascinante, que ajuda a valorizar memórias coletivas e resgatar histórias que são esquecidas em detrimento de uma história oficial, além de trazer à tona as pessoas comuns.

Acreditamos que o ensino de história local é uma metodologia que vai ajudar os educandos a se conectar e conhecer o seu ambiente e a sua identidade cultural. Nesse ínterim, acreditamos que essa proposta de estudo é importante, pois permite compreender onde a História Local se situa no ensino de história no município de Irati e como os docentes ensinam e compreendem essa proposta de ensino.

Em suma, compreender a história local de um município é um objetivo multifacetado que enriquece a educação, fortalece a identidade cultural e a memória coletiva da comunidade.

Referências

- BARROS, José D'Assunção. O lugar da história local na expansão dos campos históricos. In: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Isabel cristina Ferreira (Org.). História regional e local: discussões e práticas. Salvador: Quarteto, 2010.
- BARROS, José D'Assunção. História local e história regional – a historiografia do pequeno espaço. Revista Tamoiós, São Gonçalo, v. 18, n. 2, 2022.
- BARROS, José D'Assunção. História, região e espacialidade. Revista de História Regional, Ponta Grossa, v.1, n.1, p.95-129, dez/mar., 2005.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2018.
- GERMINARI, Geyso Dongley. O uso metodológico de documentos em estado de arquivo familiar no ensino de história. Curitiba: WAS edições, 2021.
- GUIMARÃES, Selva. Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- GOUBERT, Pierre. História Locas. Revista Arrabaldes, Petrópolis, v.1, n.1, p. 69-82, maio/agosto, 1988.
- IRATI. Aventura do Aprender. Suplemento Conheça seu Município, Irati: História e Geografia. Irati, s/d.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LLOYD, Christopher. As estruturas da história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- ORREDA, José Maria. Irati, Memórias. Irati: Editora Edipar, 1972.
- PARANÁ. Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações: educação infantil e componentes curriculares do ensino fundamental. Paraná, 2018.

SAMUEL, Raphael. Documentação – história local e história oral. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.9, n.19, p.219-243, set. 1989/fev 1990.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2004.

SUKOW, Nikita Mary. Um balanço teórico da história local: historiografia e ensino de história. In: GONÇALVES, Nádia G., URBAN, Ana Cláudia. *Ensino de história: contribuições a partir da história local*. Curitiba: Appris, 2023.

VITORIANO, Edislaine Terezinha Fernandes. O índio que mora na cabeça dos Iratienses: uma proposição didática e reavaliação dos escritos de José Maria Orreda. 2022. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2022.

Submetido em novembro de 2024

Aceito em dezembro de 2024

Publicado em dezembro de 2024

